

Governos trocam acusações sobre morte de bebês

Ministério Público resolve agir e anuncia uma investigação para apurar se houve omissão, imprudência ou negligência

Michel Filho

• Um dia de troca de acusações e jogo de empurra entre os governos federal, estadual e municipal sobre a responsabilidade pelas mortes dos bebês internados em UTIs neonatais. O secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazolla, culpou o Governo estadual pela superlotação das UTIs, por não ter cumprido um convênio que previa a abertura de novos leitos. O estado disse que não fez acordo algum e, juntamente com Mauro Modesto, representante do Ministério da Saúde, alega que a saúde básica é responsabilidade da Prefeitura.

Em meio à discussão, o Ministério Público decidiu agir. A promotora Vera Lúcia Delgado, da 8ª Promotoria de Investigação Penal da Central de Inquéritos, vai instaurar um procedimento no âmbito do Ministério Público para apuração das mortes de bebês ocorridas na Maternidade Fernando Magalhães, objetivando verificar se houve ou não prática de crime, que pode ser omissão de socorro, imprudência ou negligência. Já em relação à Maternidade Alexander Fleming, a promotora Elizabeth Gomes Sampaio, da 19ª Promotoria de Investigação Penal, da Central de Inquéritos, fará uma inspeção nos próximos dias no local, juntamente com um médico perito legista do Instituto de Criminalística. Depois, dependendo do que eles apurarem, a promotora poderá instaurar o mesmo procedimento da Fernando Magalhães.

Estado promete mais leitos no Hospital de Bonsucesso

Ronaldo Gazolla anunciou a contratação, em caráter de urgência, de 194 profissionais. O subsecretário estadual de Saúde, Frederico Caixeiro, disse que em dez dias ampliará o número de leitos no Hospital Geral de Bonsucesso. Serão mais 22 leitos na maternidade, que passará a ter 50, e mais sete leitos na UTI neonatal, passando para 12.

O prefeito Luiz Paulo Conde autorizou a Secretaria municipal de Saúde a implantar leitos para atendimento neonatal nos hospitais do Andaraí e Pedro II, que serão municipalizados. Conde atribuiu as mortes dos bebês a superlotação das unidades municipais, já que as do estado e do Governo federal não funcionam.

— Ou se proíbe a entrada de pacientes ou faltará capacidade de atendimento. E eu não posso restringir a entrada de bebês e o município acaba penalizado. É um absurdo que isso ocorra — comentou o prefeito.

Foram 14 mortes ocorridas em oito dias em duas maternidades municipais, provocadas pela superlotação das UTIs. Ontem, o se-

“Não adianta culpar um ou outro. É preciso saber que só com cooperação o problema será solucionado”

DURVAL SOUZA MOTTA

cretário Ronaldo Gazolla disse que não ia jogar a culpa nos governos federal ou estadual, mas afirmou que os dois governos são responsáveis pela falta de investimento.

— Não somos o vilão da história. Eles que respondam pela baixa cobertura que estão fazendo — disse o secretário.

Ronaldo Gazolla disse que o estado teria assinado um compromisso de pré-municipalização há três anos. A afirmação foi desmentida por Frederico Caixeiro, da Secretaria estadual de Saúde. Segundo ele, o Governo estadual não participou da assinatura do convênio.

A discussão sobre a superlotação dos hospitais esbarra na falta de assistência para as gestantes de risco da Baixada Fluminense. Na Maternidade Fernando Magalhães, onde morreram sete bebês há oito dias, 52% das gestantes são de municípios da Baixada. Frederico Caixeiro disse que a culpa por esse problema é também dos prefeitos dos municípios da Baixada, que segundo ele são responsáveis pela assistência integral de saúde. Mas também cabe ao estado pressionar. Em todo o estado, segundo Frederico Caixeiro, há um déficit de 78 leitos em UTI neonatal.

Para o segundo semestre, a Secretaria estadual de Saúde anunciou a abertura de 119 leitos em UTI, sendo que 70% para o Rio. São R\$ 26 milhões do Reforsus — verbas do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Mundial para programa de ampliação do Sistema Único de Saúde. O estado também se defende da acusação de não oferecer nenhum leito em UTI. Segundo Frederico Caixeiro, estão funcionando 13 leitos na UTI do Hospital Rocha Faria, em Campo Grande.

O aumento do número de mortes em UTIs neonatais também seria causado pela má qualidade de atendimento oferecido pela rede básica às gestantes.

— Não adianta culpar um ou outro. As três esferas têm que compreender que somente com a cooperação o problema será solucionado — advertiu Durval Souza Motta, superintendente de Saúde Coletiva da Secretaria estadual de Saúde. ■



PAULO PINHEIRO, da Comissão de Saúde da Câmara de Vereadores, no Hospital de Bonsucesso: “Há espaço físico e material, mas falta gente para trabalhar”